

Major Fidêncio Lemos do Prado



**e o resgate da Bandeira
Imperial do Brasil**

MAJOR FIDÊNCIO LEMOS DO PRADO
MAJOR HONORARIO COMBATENTE DA GUERRA DO PARAGUAI
1844 - 1927

O RELATO

Antecedentes

Francisco Solano Lopez em curtos anos de chefia do Paraguai criou na América do Sul e na Europa, onde frequentava as casas reais da França e Inglaterra, um mito em torno de seu nome e dos abastados recursos que dispndia do erário de seu país, notabilizando-se pela compra de armamentos, navios, equipamentos, e contratação de técnicos e militares especializados.

Sempre voltado para alturas ambiciosas no relacionamento afetivo e no jogo do poder, planejou o domínio pelo Paraguai através da força e ação armada sobre os vizinhos que não se submetessem à sua vontade na ocupação que pretendia das terras até o estuário do Prata.

Mesmo que por ingenuidade se queira minimizar os verdadeiros propósitos do tirano, os fatos registrados na linha de ação da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e o Uruguai mostram que não houve exagero no perfil do caudilho paraguaio, ambicioso, agressivo, implacável, que soube se preparar para a conquista do caminho para o mar através do domínio da Bacia do Prata e levar de roldão todo seu povo em uma guerra de conquista fadada de antemão a ser perdida.

Neste contexto surge a missão de Frederico Carneiro de Campos que foi indicado Presidente da Província do Mato Grosso, e a fim de tomar posse do cargo embarcou no navio mercante Marquês de Olinda percorrendo a rota normal daquela época até Mato Grosso, que consistia em seguir embarcado para o sul do Brasil até o Uruguai, entrar no estuário do Rio da Prata, e subir o rio Paraná margeando o Paraguai.

Ao passar por Assunção foi recebido solenemente pelo presidente do Paraguai, Francisco Solano López. Entretanto, depois de alguns dias, em 12 de novembro de 1864 enquanto ainda estava no rio Paraguai, a embarcação juntamente com toda tripulação e passageiros foi aprisionada por soldados paraguaios. As bandeiras do Império do Brasil foram retiradas com violência de seus mastros e os marinheiros que tentaram impedir foram seviciados. Um deles, conta a história, teve os braços decepados no momento que tentava evitar a retirada dos pendões.

O ato de violência contra o navio desarmado Marquês de Olinda, de aprisionamento, humilhação e suplicio dos tripulantes e de Carneiro de Campos, abatendo as duas bandeiras dos mastros para servirem de tapete em Humaitá e Assunção, nos dá a medida de seu despotismo.

Era novembro de 1864. Em janeiro de 1865, da invasão de Mato Grosso Lopez partiu para o Rio Grande do Sul, para em seguida acometer a província argentina de Corrientes.

A captura desse navio seguido do abatimento das bandeiras imperiais de seus mastros e a humilhação e suplicio da equipagem e passageiros foram considerados a causa imediata da declaração de guerra do Brasil ao Paraguai, e o marco inicial da Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança foi este fato, seguido do ataque ao Forte de Coimbra e a invasão armada do território do Mato Grosso e a Corrientes em janeiro de 1865 pelas tropas paraguaias.

O Brasil e as repúblicas da Argentina e do Uruguai uniram-se contra o ditador. Estava deflagrado o maior conflito que até hoje se desdobrou no continente sul-americano.

A guerra estendeu-se por 5 longos anos até a tomada de Assunção. Com a perda de Assunção Lopes foi recuando para o interior do Paraguai, até ser surpreendido e abatido pelas forças do general Câmara a 1º de março de 1870 em Cerro Corá, onde o local da última batalha foi transformado em monumento nacional.

Nessa longa luta se afirmaram gloriosamente o valor e a disciplina dos soldados brasileiros sob o comando de Osório, Caxias, Barroso, Andrade Neves, Conde D'Eu, Menna Barreto, Câmara, Tamandaré e outros

O APRESAMENTO DO MARQUES DE OLINDA

Por Gustavo Barroso Diretor do Museu Histórico

ACHA-SE no Museu Histórico Nacional a bandeira brasileira do vapor "Marquês de Olinda", apresado pelos paraguaios quando levava Carneiro de Campos à Província de Mato Grosso, a qual serviu de tapete ao Ditador Solano Lopez. Foi o bravo Tenente Fidêncio Lemos do Prado quem dela se apoderou em Assunção, no dia 5 de janeiro de 1869, trazendo-a de retorno para a Pátria.

Essa bandeira histórica, exposta na Sala Duque de Caxias, no meio das mais gloriosas relíquias militares, descorada e ligeiramente delida aqui e ali

pela ação do tempo, é de lã e de grande tamanho, como todos os pavilhões de navios mercantes ou de guerra.

O Governo do Paraguai apresou de surpresa o “Marquês de Olinda”, violando todas as regras do direito das gentes, pois se encontrava em paz com o Império. Já o navio subia o Rio Paraguai, tendo deixado o porto de Assunção, quando a canhoneira Tacuari o intimou a voltar e o escoltou até a capital guarani, onde chegou na noite de 13 de novembro de 1864.

Conduzia para a Província mato-grossense seu novo Presidente, o venerando Carneiro de Campos, ex-deputado e coronel de engenheiros. Comandava o vapor o 1º Tenente reformado da Armada José António da Silva Souto.

Eram passageiros o 1º Tenente da Marinha Agnelo Mangabeira, o cirurgião do Exército Antônio Antunes da Luz, os Pilotos João Pereira Arouca e Antônio Alves Braga, o Comissário naval Coelho de Almeida, o Fiel Reis, o funcionário aduaneiro Póvoas e mais alguns civis.

Após uma noite de apreensões para todos, o dia amanheceu e viram-se cercados por uma flotilha de chatas artilhadas, de cujas tripulações partiam vociferações e insultos. Tudo isso enchia de espanto os brasileiros, que desconheciam ter o Paraguai decidido fazer a guerra ao seu País.

No fim de um mês de detenção e incomunicabilidade uma tarde subiu a bordo o cunhado e Ministro da Guerra do Ditador, Vicente Barrios, que mandou estender em linha na coberta oficiais, marujos e passageiros. Declarou-lhes secamente que seu governo decidira considerar o pacote boa presa e todos os que se encontravam a bordo prisioneiros de guerra.

Um silêncio angustioso recebeu suas palavras. Carneiro de Campos, como a estátua da dignidade, de braços agaloados cruzado sobre o peito da farda, fitava sem dar palavra o Ministro paraguaio. O sol baixava. As águas do rio tornavam-se cor de ouro e sangue.

A voz áspera de Vicente Barrios ordenou: Arriem essa bandeira de negros! E o pavilhão imperial começou a baixar puxado por um paraguaio de farda vermelha. Os olhos tristes e úmidos dos brasileiros seguiram-no sem o desamparar. Quando a fímbria tocou às tábuas do convés, de novo a voz brutal se fez ouvir: - Levem isso para servir de tapete a S. Exa.! O Tenente Mangabeira esboçou um movimento de reação, Clíã Arouca deteve-lhe o braço.

Todos os lábios estavam apertados; todas as mãos, crispadas. Voltando-se para o nobre vulto de Carneiro de Campos, os oficiais viram que as lágrimas lhe orvalhavam a barba grisalha.

Alguns dias após o apresamento do "Marquês de Olinda", os passageiros e a tripulação foram desembarcados e encerrados num telheiro como prisioneiros de guerra. Nessa prisão foram pessimamente tratados, vendo-se o Presidente Campos (Coronel Carneiro de Campos, Presidente de Mato Grosso) obrigado a comer no mesmo prato com os marinheiros e permanecendo em completa incomunicabilidade. Mais tarde se concedeu permissão a 42 tripulantes para voltarem a Buenos Aires. O resto dos prisioneiros foi, em seguida, enviado ao interior, sem que ninguém soubesse no momento o seu destino; esses infelizes sofreram as maiores privações, morrendo a maior parte de fome, embora Lopez assegurasse no seu Diário Oficial que recebiam meio soldo e rações completas.

O Presidente de Mato Grosso e seis companheiros sobreviveram a esses horrores e, em meados de 1867, foram conduzidos debaixo de escolta para o acampamento paraguaio de Passo Pocu, onde todos morreram. O Presidente morreu no dia em que, presenciando o incêndio do acampamento brasileiro de Tuiuti, perdeu a última esperança de ser salvo por seus compatriotas. Deixou uma carta para sua mulher, escrita a lápis, que os aliados encontraram entre os papéis tomados a Lopez em 27 de dezembro de 1868.

Do episódio Clião Arouca deu conta a Lemos Brito, que descreve em seu livro "A Guerra do Paraguai".

E é neste cenário de estarecimento e incerteza, mas de sagrada reação da gente brasileira em seus brios cívicos e patrióticos, que surge e se apresenta voluntariamente para lutar contra o Ditador paraguaio o jovem Fidêncio Lemos do Prado.

BIOGRAFIA

Fidêncio Lemos do Prado nasceu na então Vila de Curitiba, em 21 de setembro de 1844, filho de João Lemos do Prado e Diná Rosa Bandeira, tendo como avô paterno Francisco Lemos do Prado, de São Paulo, e avô materno João Pomuceno Pinto Bandeira, de Portugal.

Até completar os 21 anos viveu com a família em Curitiba, onde fez as primeiras letras, cursou o ensino básico e formou sua cultura e cidadania, demonstrando desde cedo patriotismo e amor por sua terra. Lia muito e

escrevia bem, tendo invejável conhecimento das ciências, letras e da matemática. Era moço instruído e conhecedor da atualidade através dos jornais e da correspondência que mantinha com assiduidade.

Era franco, altivo e de personalidade marcante, sendo extremamente correto com seus deveres e responsabilidades, exigindo o mesmo dos outros.

Em 25 de janeiro de 1865 aos 21 anos apresentou-se como voluntário para integrar o Exército Brasileiro na campanha da Guerra do Paraguai.

Incorporou-se ao exército e lutou toda a campanha nos 5 anos de duração da guerra até ser dispensado do serviço na dissolução do 27º Corpo de Voluntários da Pátria do qual foi combatente dedicado e valoroso.

A sua carreira de vida e na campanha militar está exposta nas páginas da História por Veiga Cabral, Rocha Pombo, Davi Carneiro entre outros, e na excepcional Fé de Ofício guardada no Arquivo do Exército Nacional, da lavra do Major José Maria Ferreira de Assumpção, comandante do 27º Corpo de Voluntários da Pátria, adiante transcrito neste relato.

A sua vida privada e familiar foi e ainda é exemplo seguido pelos familiares diretos e seus descendentes, e uma parte importante de sua biografia e legado está registrada e conservada nos arquivos e guardados de seus sucessores.

Desmobilizado manteve-se leal a D. Pedro II com quem se encontrara após 1875 ainda moço, em visitas a convite ao Rio de Janeiro. Era respeitado pelo Conde D'Eu e D. Pedro II, pelos quais tinha veneração e amizade em um sentimento recíproco.

Manteve-se junto de D. Pedro II e do governo imperial durante os episódios que antecederam a República, entendendo ser esta a continuação mais digna de sua obrigação perante a Pátria.

Na ocasião em que cumprindo uma missão ao Paraná, passando por Prudentópolis, hospedou-se próximo a Ibituva em casa de família, como era costume da época, ali conheceu a que seria sua futura esposa.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, comentando sobre os acontecimentos desta viagem, mas na intenção de estar à disposição para ser solidário à continuidade regime imperial, recebeu o conselho de D. Pedro II para levar adiante sua vontade de constituir família, já antecipando o Imperador o destino que lhe daria a República.

Nas visitas do Imperador e sua esposa Thereza Christina ao Paraná fora encontrar o casal imperial em sua passagem por Palmeira para Ponta Grossa, sobre a ponte do Rio dos Papagaios, e na casa da Baronesa do Tibagi.

Casou-se em final de 1870 com Dna. Mariana Gaspar Prado, tendo como filhos 6 varões e 3 mulheres: Joaquim casado com Maria Diná Amaral Prado, Domingos casado com Rosalina Gomes do Prado, João casado com Higina Bittencourt do Prado, Augusto casado com América Rodrigues do Prado, Laurindo e Avelino que faleceram solteiros, Maria Lupercina casada com Carlos Riffaud, Maria Augusta, Mariquinha, casada com Ernesto Garcez da Luz e Maria Cristina, Pequeninha, casada com Cleofas Rodrigues.

Todos os anos a 24 de maio, data da Batalha do Tuiuty, o veterano combatente envergava sua farda do Exército Imperial e no solar da família no sítio São Miguel além Imbituva, narrava sob forte emoção trechos que queria fossem entendidos como devidos à soberania da pátria, e pela qual ensinava aos filhos valia todo preparo, sacrifício e coragem.

Enfatizava que ele sempre entendeu esta guerra como a luta contra o ditador paraguaio e a intenção de conquista sobre terras brasileiras, nunca contra o povo paraguaio, condenado às consequências do ímpeto expansionista de seu presidente. Assim era o espírito e o caráter que movia o 27º Corpo dos Voluntários Pátria, e nas Ordens do Dia, na Voz de Comando dos oficiais, tal era dito com clareza.

Com relação aos fatos da campanha descrevia as ações que trazia vívidas na memória, como a arremetida da infantaria e cavalaria dos paraguaios, aos milhares, contra os aquartelamentos brasileiros, que eles planejavam para a hora do rancho, e a gloriosa resistência e contra-ataques dos nossos durante todo o dia, até o anoitecer, em furioso corpo a corpo, à baioneta e arma branca, terminando finalmente com a vitória final dos comandados de Osório, quando mais de 4.000 cadáveres entre brasileiros e paraguaios juncando as coxilhas ensanguentadas atestavam a maior batalha campal da América do Sul.

Recordava os avanços e recuos das tropas durante os 5 anos de luta sem descanso e de fainas constantes, dos riscos que corriam em terreno difícil, constantemente hostilizados pelos soldados e a população paraguaia, quando pouco sobrava para a recuperação das forças e muito para tratar dos ferimentos, fazer e manter companheiros, que se iam sem aviso durante as batalhas.

Para o Major Fidêncio que nela tombou gravemente ferido na cabeça a facção, sendo dado como morto, mas recuperado milagrosamente com prótese de prata na parte atingida, feita em condições quase inexplicáveis em hospital de campanha, ele nascera de novo naquele trágico episódio.

Em 7 de setembro de 1922, aos 78 anos, veio de Imbituva ao Rio de Janeiro para assistir as solenidades do Centenário da Independência, e trouxe para entregar ao Conde d'Eu a bandeira imperial do Brasil que resgatara em Assunção, em reconhecimento ao Comandante dos últimos episódios da Guerra, como adiante comentado neste relato.

Sua farda, dragonas de Major, espada e equipamento da guerra foram encaminhados ao Museu Paranaense. Com a família ficaram as 3 medalhas que recebeu do Governo Imperial do Brasil, da República Oriental do Uruguai e da República Argentina.

1927

Em 24 de agosto falece em S. Miguel, município de Imbituva, no Paraná, aos 83 anos no posto de Major Honorário.

1989

Na data dos 145 anos de nascimento é homenageado em Curitiba, sua terra natal, com a inauguração de praça pública com seu nome, por iniciativa da Família Prado, da 5ª Região Militar, e da Prefeitura de Curitiba.

O RESGATE DA BANDEIRA IMPERIAL

A queda da capital paraguaia no 5º ano da sangrenta guerra, insculpe o jovem voluntário curitibano entre os que se notabilizaram por amor à sua terra e aos seus símbolos sagrados.

O "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, de 13 de setembro de 1922 relata a viagem do agora veterano Major Fidêncio Lemos do Prado àquela capital, para encontrar o Conde D'Eu e oferecer-lhe uma preciosa relíquia histórica que desde 1869 guardava religiosamente em seu poder.

Ela está encerrada numa caixa de madeira com a inscrição em letras douradas: "À memória de D. Pedro II - O Valor e a Constância."

Trata-se de uma bandeira nacional do Império e a história desse sagrado pedaço de pano é altamente tocante. Ei-la na narração do próprio combatente Fidêncio Lemos do Prado:

"Quando nosso Exército entrou na cidade de Assunção, capital da república do Paraguay, no dia 5 de janeiro de 1869, comandado pelo General Osório, não encontramos ninguém. Depois que aquartelamos convidei o mestre de música Clarindo José da Silva e o corneteiro-mor Antonio Roberto e dirigimo-nos ao palácio do ditador Lopez.

Ai chegados, penetramos no interior, não com a ideia de saque, mas de apreciarmos a beleza do edifício que, pela sua arquitetura, nos atraía a atenção.

Encontramos em um compartimento, um grande arquivo velho contendo muitos papéis de música, que o mestre de música e o corneteiro-mor entreteram-se em escolher, enquanto eu seguia em direção ao último andar, acabando por entrar em um gabinete, que era o escritório do ditador. Aí encontrei uma Bandeira Brasileira estendida no chão, na frente da cadeira do referido ditador servindo de tapete.

Levantei-a e a levei comigo. Seriam, talvez, 4 horas da tarde. As 5 horas apresentaram-se 3 paraguaios: Romão Braga, Ocalino Banio e João Martins, que faziam parte do piquete que acompanhara o ditador e tinham ficado refugiados nos arrabaldes da cidade. A esses 3 paraguaios inquiri como foi que Lopes obtivera aquela bandeira, e os três me afirmaram que quando haviam aprisionado o vapor "Marquês de Olinda" que levava a bordo o Cel. Carneiro de Campos, governador da província de Mato Grosso, foram tiradas duas bandeiras dos mastros do aludido vapor.

Uma delas ficara no quartel de Humaitá para servir de tapete, e a outra viera para o palácio de Lopes, na capital, destinada a mesma serventia.

Esta última por mim achada, nas condições que refiro, guardei-a na minha mochila e ninguém mais soube do fato além do mestre de música e o corneteiro-mor.

Quando regressei do Paraguay, trouxe comigo a preciosa relíquia e conservei-a, com carinho, em minha casa, como recordação do tempo em que, com o meu sangue defendi a minha Pátria.

Meu desejo era que esse sagrado pavilhão me servisse de mortalha quando eu morresse. Mas vindo agora ao Rio, nesse 7 de setembro de 1922 para assistir ao Centenário da Independência, trouxe a bandeira com o pensamento de oferecê-la ao Conde D'Eu na ausência de D. Pedro II.

O Conde morreu antes de minha chegada ao Rio e eu devendo regressar a Imbituva, onde resido, compreendo que o símbolo da Pátria merece figurar em algum lugar onde todos possam vê-lo e venerá-lo.

Aparto-me dele com infinita saudade, e peço ao Jornal do Comercio que lhe dê o destino que achar melhor. Era dia 7 de setembro de 1922.

Esta narrativa comoveu profundamente às pessoas que receberam o Major Fidêncio em sua estada no Rio de Janeiro, como comoveu a todos que a leram depois, e os redatores do jornal tiveram ímpetos de beijar a mão do modesto e glorioso veterano que soube guardar por tantos anos com desvelo aquele abençoado pedaço de pano que representava também sua profunda devoção à Pátria e àqueles que souberam honrá-la e defende-la.

Mais tarde em nova vinda ao Rio de Janeiro recolheu a bandeira no Jornal do Comercio e levou-a pessoalmente ao Museu Histórico entregando-a ao então Diretor Gustavo Barroso.

A caixa com tampo de vidro encerrando a bandeira deixada com o diretor do Museu Histórico Nacional foi colocada em exposição entre os troféus na Sala Duque de Caxias.

1923 a 1926

A partir desta data a bandeira imperial brasileira encaminhada ao Museu Histórico foi cultuada pelo veterano soldado que vinha de Imbituva no Paraná a cada 5 de janeiro, aniversário da conquista de Assunção, para prestar continência ao símbolo de seu patriotismo.

Nestas ocasiões se sentia envergando o uniforme de combatente com as dragonas e as medalhas que recebera do Governo Imperial do Brasil, dos exércitos do Uruguai e da Argentina. No relato de Gustavo Barroso, que aguardavam nas escadarias da entrada do Museu Histórico em cada uma das datas aprazadas, sabendo da pontualidade do veterano major:

“Neste dia 5 de janeiro de 1928, como sempre procedi todos estes anos, me apressei a ir recebê-lo. Mas desta vez o major não se apresentou. Preocupado mandei procurar por ele e soube depois pela família que a morte o levou a 24 de agosto de 1927 aos 83 anos, na cidade de Imbituva”.

Esse mesmo episódio foi alvo de diversos artigos e pesquisas históricas, alguns destes são relacionados adiante neste relato.

DEPOIMENTO DO DIRETOR DO MUSEU HISTÓRICO

Por Gustavo Barroso

O Museu criado em 1922 por Epitácio Pessoa, em 1923 enriquecia e já chamava a atenção da gente culta. As pessoas amantes da tradição, começaram a acreditar na vida e no futuro do estabelecimento. Entre elas o Tenente Fidêncio Lemos do Prado, que trouxera do Paraguai a bandeira do “Marquês de Olinda”. Certo dia entrou no meu gabinete com um embrulho debaixo do braço.

Cumprimentou-me, sentou-se ao lado da minha mesa e disse-me: - Sr. Diretor, sou o Tenente Fidêncio Lemos do Prado, veterano do Paraguai.

Entrei em Assunção com o meu batalhão, quando o Sr. Marquês, ele continuava a chamar assim ao Duque de Caxias como se ainda estivesse no tempo da guerra, a ocupou. Designado para dar guarda no palácio do Ditador Solano Lopez, ali encontrei no seu gabinete, servindo de tapete, uma bandeira imperial que me disseram ser a do paquete “Marquês de Olinda”.

Apanhei-a, limpei-a e guardei-a, trazendo-a para o Brasil quando terminada a luta.

Desde então conservo comigo ciosamente esta relíquia. Estou velho, porém à espera da morte mais dia menos dia. Não tenho ninguém a quem confiá-la. Sabendo da criação do Museu Histórico, julgo ao mesmo posso doar meu precioso troféu, certo de ser conservado com carinho.

Pôs-se a bandeira do “Marquês de Olinda” numa caixa envidraçada à prova de umidade, em lugar de relevo entre os nossos troféus.

De 1923 em diante, todos os anos no dia 5 de janeiro, aniversário da ocupação de Assunção pelo Exército Imperial, um velhinho esbelto e limpo entrava no Museu. Deixava o chapéu na portaria, atravessava em diagonal o pátio emoldurado de canhões históricos, subia a escadaria que leva ao 1º andar, transpunha o patamar onde se ergue um grande busto em mármore de D. Pedro II envolto no poncho de Uruguaiana, entrava na Sala Osório, chegava à Duque de Caxias, parava diante da velha bandeira encaixilhada, perfilava-se e lhe fazia continência.

Todos os anos, sem faltar um só, durante mais duma década, chovesse ou fizesse sol. Os guardas já o conheciam e sabiam do seu costume em prestar aquela silenciosa homenagem à velha bandeira Imperial naquela data.

Este foi o episódio mais comovedor que tenho presenciado durante minha longa permanência à testa do estabelecimento. Confesso que na defesa do seu patrimônio, muitas vezes não tenho desanimado ao lembrar-me da lição de fidelidade patriótica daquele velho soldado, contentando-se em cultuar a pátria imortal no respeito ao símbolo daquele velho pedaço de pano verde e amarelo, sem mirar em galardões ou elogios.

Um dos antigos guardas do Museu procurou-me certa vez para me dizer emocionado: - Sr. Diretor, este ano no dia 5, o Tenente Fidêncio não veio fazer continência à bandeira...

Senti uma lágrima queimar-me as pálpebras, pois estava certo de que só a morte impediria o tenente de homenagear a bandeira do Marquês de Olinda. Ele morrera como vivera, uma alma nobre, um coração cheio de verdadeiro patriotismo, de verdadeira brasilidade. Na minha opinião, o Tenente Fidêncio Lemos do Prado foi um Grande Brasileiro.

O PERÍODO DA GUERRA

Major Fidêncio Lemos do Prado

Voluntário e herói da guerra do Paraguai

1865/1870

Cronologia de campanha

Ano de 1865

25.01 - Com 21 anos apresenta-se como voluntário para a guerra do Paraguay.

02.03 - Junta-se às tropas em treinamento na cidade portuária de Antonina, PR.

07.03 - É incorporado, como Furriel (cabo/sargento) na 1ª Companhia do 4o Batalhão de Voluntários.

09.04 - Embarca em vapor de tropas com destino a São Francisco do Uruguai.

07.05 - Chega a São Francisco do Uruguai, permanecendo em treinamento.

02.06 - Desembarca em Daymão e a 15 baixa ao hospital.

24.09 - Recebe alta do hospital e fica adido ao 6o Batalhão de Infantaria.

24.10 - Apresenta-se ao 27º Corpo de Voluntários da Pátria.

03.11 - Pede o obtém baixa do posto para integrar a tropa de assalto.

Ano de 1866

- 16.04 - Transpõe o Rio Paraná e assiste aos combates desse dia e de 17.
- 20.05 - Participa de patrulhamentos.
- 24.05 - Participa da batalha do Tuyuty e é ferido a baioneta na cabeça, baixa hospital.
- 16.07 - Retorna ao 27º Batalhão Voluntários da Pátria, após receber alta.
- 18.07 - Participa de escaramuças na região.

Ano de 1867

- 29.04 - Baixa hospital recebendo alta a 13.05.
- 20.07 - Marcha de Tuyuty para Tuyequé, participando de combates na região.

Ano de 1868

- 13.01 - Baixa hospital e recebe alta a 17.01.
- 21.03 - Participa do assalto à trincheira do Sauce.
- 09.06 - Promovido a Anspeçada (Oficial Inferior)
- 25.06 - Marcha de Curupaity a Humaytá.
- 18.08 - Movimenta-se com o Exército Imperial na ocupação de espaços.
- 24.09 - Acampa em Palmas. Operações de limpeza.
- 25.11 - Transpõe o rio Paraguai para a margem direita pressionando inimigo.
- 21.12- A noite passa novamente o rio Paraguai, para a margem esquerda.
- 22.12 - Combate em Lomas Valentinas, abrindo caminho para a capital Assunção.
- 25.12 - No natal, tomada de Lomas Valentinas sob comando de Caxias.
- 30.12 - Assalto e tomada da fortaleza de Angostura, aprisionando inimigos.
- 31.12 - Perseguição ao inimigo na marcha contra a capital Assunção.

Ano de 1869

- 05.01 - Ocupa Assunção e no palácio de López, resgata a bandeira imperial usada como tapete.
- 10.03 - Marcha e ocupa Luque, patrulhando a área.
- 06.04 - Marcha e acampa em Lambaré, prosseguindo o patrulhamento.
- 22.05 - Marcha com a infantaria ampliando a frente de avanço.
- 24.05 - Faz o reconhecimento de Taquarar na vanguarda do Exército Imperial.
- 25.05 - Acampa em Piraju.

- 26.05 - Faz o reconhecimento de Ascurras.
- 03.06 - Faz o reconhecimento de Serro Leon.
- 01.07 - Promovido a Cabo e a 19.07 promovido a Furriel (Oficial Inferior)
- 28.07 - Expediciona com a 1a Divisão de Cavalaria em missão especial.
- 07.08 - Reincorpora-se à Infantaria do Exército Imperial.
- 10.08 - Marcha fazendo o cerco da Villa de Peribebuy.
- 12.08 - Combate, assalta e captura a Villa de Peribebuy.
- 16.08 - Assiste a batalha de Nhiguassú junto às tropas de reserva.
- 30.08 - Acampa margem esquerda Rio Manduvirá, embarcando em vapor armado em seguida.
- 09.09 - Desembarca, combate e ocupa Checutaguá e torna a embarcar em vapor armado.
- 11.09 - Desembarca, combate e ocupa Villa Rosário, quando completa 25 anos.
- 01.10 - Promovido a 2º Sargento na 2a Companhia do 27º Batalhão de Voluntários da Pátria.
- 17.10 - Acampa em Capivary após marchar desde o dia 8.10.
- 14.11- Retorna acampamento Villa Rosário, após marchar desde o dia 11.11.

Ano de 1870

- 27.02 - Reforça ocupação da Fortaleza de Humaytá, vindo de vapor armado desde 25.
- 27.02 - Chega elogio de 24.02.1870 na Ordem de Comando nº18, das Forças do Norte do Rio Manduvirá, por haver com valor, abnegação e constância em desafronta à honra nacional, suportado as fadigas de cinco anos de campanha no Paraguay.
- 06.04 - Comissionado no posto de Alferes (Oficial) na 4a Companhia do 27º Batalhão de Voluntários da Pátria.
- 16.04 - Desde Humaytá embarca em vapor de retorno à Pátria.
- 30.04 - Nos braços do povo desembarca na Companhia do Império, porto do Rio de Janeiro.
- 17.05 - É dispensado do serviço do Exército por ter sido nessa data dissolvido o 27º Corpo de Voluntários da Pátria

Ano de 1875

É promovido a Major Honorário do Exército Brasileiro em reconhecimento à tenacidade e bravura durante o período da guerra.

HISTÓRICO DE CAMPANHA

Major Fidêncio Lemos do Prado

Conforme consta do arquivo do exército

Apresentou-se voluntário para seguir para a guerra do Paraguai com 21 anos 4 meses e 4 dias em 25 de janeiro de 1865 ao então Presidente do Estado Manoel Alves de Araújo, ficando aquartelado juntamente com os outros voluntários fazendo exercício na Escola de Tiro até 1º de março, no dia 2 seguiu para Antonina aquartelando no Campo de Santana, junto a 1ª Companhia do 4º Batalhão de Voluntários; foi incluído neste corpo a 8 de março de 1865 como Furriel, entre Cabo e Sargento, foi incluído no 27º Corpo de Voluntários da Pátria, 4ª Companhia onde passa a Alferes ou Subtenente.

Fé de Ofício de Fidêncio Lemos do Prado

José Maria Ferreira de Assumpção, major da arma de infantaria e comandante interino do 27º Corpo de Voluntários da Pátria, atesto que o oficial abaixo declarado tem no archivo deste corpo os assentamentos seguintes:

Quarta Companhia: Alferes Fidêncio Lemos do Prado foi incluído neste corpo a 8 de março de 1865 vindo da província do Paraná como Furriel. Embarcou em 9 de abril e desembarcou em São Francisco do Uruguay no dia 11, embarcou novamente em 1 de junho e desembarcou em Daymão no dia 2, e baixou hospital no dia 15, tendo alta em 24 de setembro, ficando adido ao 6º Batalhão de Infantaria. Apresentou-se novamente ao 27º Corpo de Voluntários em 24 de outubro.

Pediu e obteve baixa do posto em 3 de novembro de 1865 para ter condição de participar junto com a companhia que se mobilizava aos combates que se seguiram.

Transpôs o rio Paraná no dia 16 de abril de 1866 e assistiu aos combates deste dia, do dia 17 do mesmo mês e em 2 e 20 de maio. Tomou parte na batalha de Tuiuty em 24 de maio, na qual foi ferido, e aos combates de 16 e 18 de julho de 1866.

Baixou ao hospital no dia 29 de abril de 1867 e teve alta no dia 3 de maio de 1867. Fez neste dia marcha de Tuiuty para Tuyaque e assistiu aos combates de 29 de julho do mesmo ano. Baixou ao hospital no dia 13 de janeiro de 1868 e teve alta no dia 17.

Tomou parte no assalto da trincheira de Sauce em 21 de maio de 1868.

Foi promovido a Anspeçada ou Oficial Inferior em 9 de junho deste mesmo ano. Marchou de Curupaity para Humaytá em 25 de junho, marchou novamente em 18 de agosto, e acampou no dia 24 de setembro em Palmas.

Transpôs o rio Paraguay para a margem direita em 25 de novembro e passou novamente à margem esquerda na noite de 21 de dezembro de 1868.

Tomou parte nos combates de 22 a 25 e assistiu ao de 27 deste mesmo mês, todos em Lomas Valentinas, e participou da rendição da Guarnição de Angostura no dia 30 de dezembro de 1868 de onde marchou em 31.

Acampou em Assunção em 5 de janeiro de 1869. Marchou e acampou em Luque no dia 10 de março de 1869.

Marchou novamente e acampou em Lambare no dia 6 de abril, de onde marchou no dia 22 de maio assistindo ao reconhecimento de 24 de maio de Taquarar, e acampou em 24 de maio em Piraju.

Assistiu aos reconhecimentos de 26 de maio no acampamento de Ascurras e 3 de junho em Cerro Leon. Promovido a cabo no dia 1º de julho e a Furriel no dia 19 do mesmo mês.

Expedicionou com a 1ª Divisão de Cavalaria no dia 28 de julho e reuniu-se ao Exército no dia 7 de agosto. Continuando a marchar acampou nas proximidades da vila de Peribebuy no dia 10 de agosto.

Tomou parte no assalto dessa vila no dia 12 de agosto, marchou no dia 13 de agosto, assistiu à batalha de Nhiguassu no dia 16 e acampou no dia 30 na margem esquerda do rio Manduvirá onde embarcou no dia 9 e desembarcou em Checutaguá.

Embarcou novamente no dia 20 e desembarcou em Checutaguá. Embarcou novamente no dia 20 e desembarcou no dia 21 na vila de Rosário. Foi promovido a 2º Sargento para a 2ª Companhia no dia 1 de outubro.

Marchou no dia 8 e acampou no dia 17 de outubro no Capivary. Regressou no dia 11 de novembro e acampou na citada Vila do Rosário no dia 14. Embarcou com destino a Humaitá em 25 de fevereiro de 1870 e aí desembarcou no dia 27.

Foi elogiado em Ordem do Comando nº18, de 24 de fevereiro de 1870 das Forças Armadas ao Norte do rio Manduvirá, por haver com valor, abnegação e constância, em desafianta à honra nacional, suportado fadigas de 5 anos da campanha no Paraguai. Em virtude da lembrança do Comando em Chefe, de 6. De abril de 1870 foi comissionado no posto de Alferes e ficou pertencendo à 4ª Companhia.

Embarcou em Humaytá no vapor Vilheta no dia 16 e desembarcou na Corte do Império no dia 30 do referido mês. Por decreto de 7 de maio de 1870 foram-lhe conferidas as honras do posto de Alferes do Exército em atenção aos relevantes serviços prestados na campanha do Paraguai.

Foi dispensado do serviço do Exército no dia 17 de maio de 1870 por ter sido nessa data dissolvido o 27º Corpo de Voluntários da Pátria em cumprimento à ordem do Governo Imperial transcrita na Ordem Regimental nº 214 da mesma data.

Nada mais consta que lhe seja relativo. Em firmeza do que mandei passar a presente que assino. Quartel em São Cristovão 18.05.1870 Eu, Joaquim Antonio de Souza Martins, Tenente Secretário e subscrevi. (assinado) José Maria Ferreira de Assumpção, major da arma de infantaria e comandante interino do 27º Corpo de Voluntários da Pátria. (assinado)

Posteriormente em reconhecimento aos relevantes serviços em 5 anos de campanha foi alçado a Major Honorário do Exército como Veterano da Guerra do Paraguai.

Recebeu com a presença de D. Pedro II as condecorações do Exército Brasileiro, das Repúblicas Argentina e do Uruguai, em solenidade do Governo Brasileiro no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS:

1 - O paranaense que desafiou Solano Lopes, de B. Nicolau dos Santos Filho no Estado do Paraná de 5.9.1971;

2 - História do Brasil, de Mario da Veiga Cabral, 4ª Edição, págs. 232/233;

3 - O Paraná na Guerra do Paraguai, David Carneiro, págs. 333/335: 2.500 paranaenses participaram da campanha, mas de apenas 490 se sabem os nomes.

4 - A Bandeira do Marquês de Olinda, Gustavo Barroso, Revista O Cruzeiro de 6.10.1958.

5 - Editorial do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, de 13.9.1922

6 - Acervo da Família Prado, Sabatella e Dias Ayres – Correspondência, condecorações, diários, relatos e depoimentos

Condecorações e homenagens:

Medalha de bronze. Campanha do Paraguay. 1865-1870 em reconhecimento por bravura. Governo do Brasil

Medalha de ferro. Campanha do Paraguay. 1865-1869 - A Las Virtudes Militares. República Oriental do Uruguay

Medalha de prata. Campanha do Paraguay. Al Ejercito aliado en operaciones contra el gobierno del Paraguay - La Nacion agradecida, República Argentina.

Designação a Major Honorário. Exército Nacional 1869

Praça em Curitiba - Câmara Municipal de Curitiba, sessão de 26 de maio de 1983 designação de Fidêncio Lemos do Prado à uma praça no Alto da Rua XV de Novembro em Curitiba.

Praça Major Fidêncio Lemos do Prado

Mensagem de Inauguração por Ruy Prado

Não se pretende reabrir antigas feridas, mas para sentirmos o significado da entrega desta praça - a praça é do povo e o céu é do condor, profetizou o poeta - à comunidade curitibana, praça que leva o nome de quem se despojou das galas da idade mais bela para se imolar nos sacrifícios duma campanha de vida ou morte em solo inimigo hostil, temos que retroceder e meditar sobre os eventos desta área do continente sul-americano, nos idos de 1811, quando o Paraguai desliga-se da Espanha em 1840, e assume o poder Carlos Antonio Lopez. Quando faleceu em 1862, é substituído no poder por seu filho Francisco Solano Lopez aos 35 anos (1827-1870).

A reprodução fiel de duas vidas no cenário do conflito, desde a viagem de Lopez às cortes europeias, onde na de Napoleão III encontra a paixão de sua existência, Elisa Alicia Lynch, fascinante irlandesa de 20 anos que abandona o marido médico militar francês e acompanha Lopez por 15 tumultuados anos, dando-lhe 6 filhos varões e 1 menina, resistindo fielmente ao seu lado na sua morte na batalha final de Cerro Corá, em 1º de março de 1870.

Em sua biografia por Maria Concepcion L. Chavez uma frase que resume o espírito reinante no Paraguai na intenção de enaltecimento do país: "...catorce anos de preparaciones militares, cinco de actitudes heróicas, el pueblo entero armado em la resistência..."

Por aí se avalia o peso do opositor, com um exército aguerrido para a conquista do Prata, contra o qual se decidiu lutar o moço curitibano alvo desta solenidade.

Nesse mais de século decorrido a linha genealógica do Major Fidêncio expandiu-se robustamente pelo país e exterior, em especial no Paraná, São Paulo e Minas Gerais numa descendência abrangente a todos os ramos de atividade humana privada e pública.

E seus familiares, herdeiros de sangue e de seus sentimentos de amor à Pátria, aqui presentes e aqueles que não puderam estar, comovidos pelo significado cívico e histórico deste ato, pela nossa modesta palavra expressam sua gratidão aos Poderes Instituídos do Paraná, às forças vivas do povo e sociedade civil, e às Forças Armadas do País e do Estado aqui sediadas, ao Executivo e Legislativo da terra natal do homenageado, e aos autores do projeto transformado em lei que deu seu nome a esta praça.

A lembrança a Fidêncio Lemos do Prado deve ser aqui entendida como a todos aqueles que nos padrões do dever e brio nacionalistas da época, ao seu lado lutaram, se sacrificaram e morreram nos campos do Paraguay.

Mais que a consagração do herói por evento marcante no desagravo da honra nacional, este ato das autoridades de Curitiba, faz como tremular pela brisa da vontade máscula de Guairacá, as mais puras tradições de concórdia, paz, respeito e liberdade que exornam os mais de 489 anos de vida de nosso país no verbo pujante de Ruy Barbosa, sempre redivivo em todos nós, gravado no bronze na praça Santos Andrade que emoldura este bel capital:

"A Pátria não é de ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à ideia, à palavra, à associação.

A Pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade."

RESUMO DA LITERATURA

Livros editados

Madame Lynch y Solano Lopez, de Maria Concepcion L. Chavez

La Noche Antes, de M.G. Menendez

La Guerra do Paraguay, Gran Negocio, de Leon Pomer

Genocídio Americano: A guerra do Paraguay, J.J. Chiavenatto

Il Napoleone dei Plata, de Manlio Cangogne e Ivan Borins, Milão

Historiadores, biógrafos e articulistas

Alcebiades Delamare, Arturo Ribandi, Dr.Cecilio Baez, Juan B.O. Leary, Cel. J.C. Centurion, Alberto Palomeque, L.A. Herrera, D. Juan Beverina, Manuel Gondra, Manuel Domingos Belisario Vivarola, J.S. Godoy, José e Hector Decoud, Natalício Gonzalez, M.P. Pena

Paranistas:

O Paraná na Guerra do Paraguay, de David Carneiro

Artigos e relatos de: Francisco Negrão, Dicesar Plaisant, Coelho Junior, Benedito Nicolau dos Santos Filho, Gen. Tasso Fragoso

Do Museu Histórico Nacional

Gustavo Barroso - Artigos na Revista O Cruzeiro, Segredos e Revelações da História do Brasil

Ano 1958 Edição 19 – 22.02.1958, A Missão Civilizadora do Império

Ano 1958 Edição 47 - 6.09.1958, A Bandeira do Marquês de Olinda.

Ano 1955 Edição 52 – 8.10.1955, Os Troféus da Guerra do Paraguai

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=>

Depoimentos testemunhais

Reminiscências da Campanha do Paraguai e Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai, dos generais Dionisio Cerqueira e Paulo Queiróz Duarte, Ed. 1979 da Biblioteca do Exército Brasileiro.

Documentação

Acervo da família:

Correspondência pessoal – Cartas e relatos

Notas de campanha – Páginas do diário pessoal

Cópia da Profissão de Fé pelo Exército Nacional

Condecorações – Medalhas e registro documental

Depoimentos gravados – Histórias e Lembranças de Fidêncio Lemos do Prado

Imagens fotográficas – Album de Fotografias, de Cartões e Mensagens

Arquivo do Exército Nacional:

Fé de ofício do oficial Fidêncio Lemos do Prado, pelo comandante interino do 27º Corpo de Voluntários da Pátria

Assentamentos do 27º Corpo de Voluntários da Pátria

Cinema

Filme Guerra do Brasil, de Sílvio Back, baseado no livro "Il Napoleone dei Plata" de Manlio Cangogne e Ivan Borins, Milão 1972 e 1975 no Brasil, impedido pela censura da época.

Traços biográficos

Major Fidêncio Lemos do Prado e o regate da Bandeira Imperial do Brasil.
Ruy Amaral Prado - Ed. Maio de 1983

A BANDEIRA DO IMPÉRIO DO BRASIL



Modelo da bandeira do “Marques de Olinda” e dos dizeres de Fidêncio Lemos do Prado entregues ao Museu Histórico

MAJOR FIDÊNCIO LEMOS DO PRADO



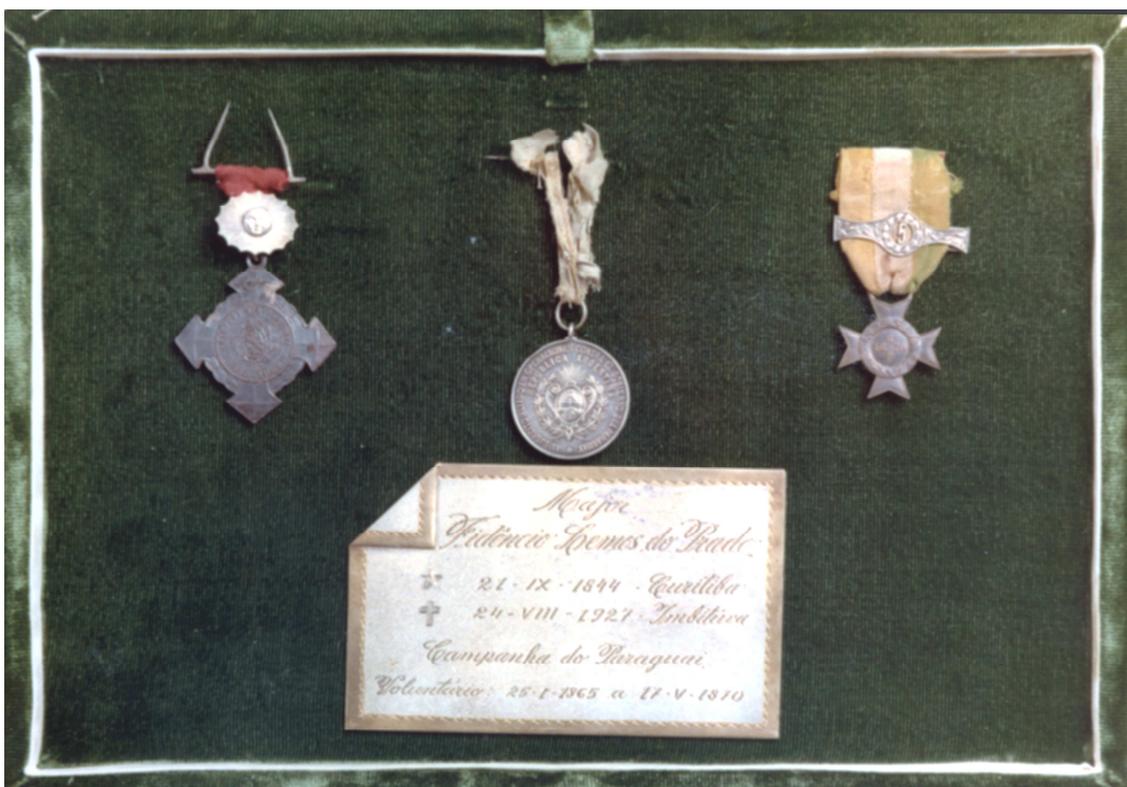
CONDECORAÇÕES MILITARES

Entregue ao Major Fidêncio Lemos do Prado com a presença de D. Pedro II em cerimônia no Rio de Janeiro alusiva ao transcurso do término da Guerra do Paraguai

Medalha de bronze. Campanha do Paraguay. 1865-1870 em reconhecimento por bravura. Governo do Brasil

Medalha de ferro. Campanha do Paraguay. 1865-1869 - A Las Virtudes Militares. República Oriental do Uruguay

Medalha de prata. Campanha do Paraguay. Al Ejercito aliado en operaciones contra el gobierno del Paraguay - La Nacion agradecida, República Argentina.



SOBRE AS CONDECORAÇÕES

Pelo Decreto nº 4131 de 28 de março de 1868, foi criada a Medalha de Mérito para aqueles que se distinguiram por bravura em qualquer ação de guerra. Esta foi uma demonstração pública dada pelo Imperador, de quanto o mesmo apreciava o valor das praças das forças em operações contra o Governo do Paraguai.

Na época, era o Comandante em Chefe o Marechal Marques de Caxias, e era este quem fazia a concessão da referida medalha. Em vista a retirada de Caxias, o Imperador autorizou o Marechal de Campo Guilherme Xavier de Souza, Comandante em Chefe Interino das forças em Operações contra o Governo Do Paraguai, a conceder a medalha em seu nome.

Em seguida, com a escolha do Conde D´Eu para dirigir a guerra, foi dada autorização para que prosseguisse com a concessão. A medalha foi cunhada em bronze, pendente do lado esquerdo do peito, com fita de três listas iguais, sendo vermelha a do centro e verde as extremas. A medalha era igual para todos os indivíduos agraciados, independente de posto ou do feito de bravura. Para aqueles que tiverem mais de um feito de bravura, para lhe seria entregue um passador com a inscrição de data ou época de cada feito meritório.

Os nomes dos agraciados eram publicados na Ordem do Dia do Exército, com declaração das vezes em que o combatente foi remunerado com a medalha. Pelo Decreto de nº 4143, de 5 de abril de 1868, tornou-se extensiva a entrega da medalha aos militares da Armada Nacional (Marinha), sendo autorizado o então Comandante em Chefe da Esquadra em Operações Contra o Governo do Paraguai, o vice-almirante Visconde de Inhaúma, a concedê-la aos que se mostraram dignos por bravura.

Os troféus de Guerra do qual fazem parte as condecorações e as medalhas outorgadas fazem parte dos museus militares no mundo inteiro, o Brasil não foi uma exceção. A Guerra do Paraguai proporcionou ao Brasil grande quantidade de troféus.

Eles fazem parte da memória nacional e sua guarda é dever das gerações posteriores àquela que com seu sangue e seu suor os conquistou.

Esta medalha, criada já no pós-Guerra, tem uma particularidade: foi cunhada com o bronze de canhões capturados ao inimigo. Criada pelo Decreto n. 4.560 de 6 de agosto de 1870 e estendida para a Marinha pelo Decreto n. 4.573 de 20 de agosto de 1870.

Concedida àqueles que tomaram parte na Campanha do Paraguai. As cores da sua fita, 5 listras iguais, representam as cores da Tríplice Aliança.

PESQUISA E COORDENAÇÃO

Ruy Amaral Prado (neto) – 1983

Iwan Sabatella Filho (bisneto) – 2019

Curitiba, dezembro de 2019

GENEALOGIA DA FAMÍLIA PRADO					
<p>Tenente João Pomuceno Pinto Bandeira Maria Josepha Ferreira Diná Rosa Bandeira João Lemos do Prado Major Fidencio Lemos do Prado Mariana Gaspar Prado</p> <p>Capitão Francisco dos Santos Pacheco Ana Francisco da Camara José Pedro dos Santos Pacheco Emilia Rosa Sant'Ana Manoel Mendes dos Santos Pacheco Florisbela Rosa dos Santos Manoel Mendes dos Santos Pacheco Filho Graciolina do Amaral</p>	Jacyra Prado Sabatella Iwan Sabatella	Iraia Prado Sabatella Juanita Zavaski Sabatella	Marcia Zavaski Sabatella Marcelo Zavaski Sabatella 1º Cas. Ana Valeska Schlank 2º Cas. Cvnthia E. Sabatella Giana Zavaski Sabatella	Tabata Schlapk Sabatella Enzo Sabatella	
		Iwan Sabatella Filho Marilza Ribeiro Sabatella	Iwan Ribeiro Sabatella Claudia Regina Vani Letícia Sabatella Angelo Antonio Carneiro Lopes	Giulia Vani Sabatella Clara Sabatella Carneiro Lopes	
		Maria Lucia Prado Sabatella Helio Rodriguez	Helcio Sabatella Rodriguez Marcia Romanowski Rodriguez Andrea Sabatella Rodriguez Edilson José Siqueira Junior Fabio Sabatella Rodriguez	Nicole Romanowski Rodriguez Giovanna Rodriguez Siqueira	
	Joaquim Lemos do Prado	Mariana Prado Dias Ayres João Dias Ayres	Jane Marv Avres Bordin Evonir Bordin	Evonyr Bordin Filho (esposa) Ana Paula Avres Bordin João Luiz Avres Bordin Cristina Campos Bordin Alexandre Ayres Bordin (esposa) Rodrigo Ayres Bordin (esposa)	Filhos Filhos Filhos
			Sonia Maria Ayres Gabriele Jadvr Gabriele	Silvia Helena Gabriele (esposo) Claudio Gabriele (esposa) João Francisco Gabriele (esposa) Juliana Gabriele (esposo)	Filhos Filhos Filhos Filhos Filhos
	Maria Diná Amaral Prado		Ivone Ayres Oliveira Jose Mario Marcantonio Oliveira	Mario Ayres de Oliveira Eduardo Ayres de Oliveira (esposa) Artur Ayres de Oliveira	Filhos Filhos Filhos
			Maysa Ayres Martinez Guilherme Lázaro Martinez	André Ayres Martinez Bruno Ayres Martinez	
			Ruy Amaral Prado 1º Cas. Irene Repka Prado	Ruy Repka Prado	
	Ruy Amaral Prado 2º Cas. Heloisa Lartigau Prado	Denise Prado de Almeida Ernesto José Moreira de Almeida Fernando Prado Sérgio Prado Rosamaria Prado Meyer Kirk Johnson Maeyer Ricardo Prado			
	Maria Celeste Prado Barbur Vicente Barbur (falecido)	Vicente Barbur Filho Miriam Barbur Carneiro João Emiliano Carneiro Marcelo Augusto Barbur Milane Fadel Barbur	João Vicente Barbur Carneiro Fernando Barbur Carneiro Rodrigo Barbur Carneiro Renata Fadel Barbur da Rosa Carlos André Zarte de Rosa Vicente Barbur Neto Roberta Barbur		
	Jomar Victor Prado Nirce Pereira Prado	Jomar Victor Prado Junior 1º Cas. Vania Regina Voigt Prado 2º Cas. Eunice Maria do Rocio Prado Maria Cristina Prado Engelhardt	Ana Claudia Voigt Prado Leonardo Prado		